


ELIZABETE KAZUE KOBAYASHI

Orientador: 
Profº. ROSELI CECÍLIA R. DE CARVALHO BAUMEL

Orientadora: Prof^ª ROSELI CECÍLIA R.
DE CARVALHO BAUMEL

**Trabalho para conclusão do
Curso de Especialização em
Educação Especial - Univer
sidade Federal do PR.- Se
tor de Educação.**

Curitiba
1985

"Entrei para o Ensino Especial por acaso, e, só sairei, se for obrigado".

Foi você Luizita, quem me deu a primeira chance.

S U M Á R I O

| | |
|---|----|
| DEDICATÓRIA | 02 |
| SUMÁRIO | 03 |
| INTRODUÇÃO | 04 |
| JUSTIFICATIVA | 07 |
| PROBLEMA | 09 |
| OBJETIVOS | 11 |
| DESENVOLVIMENTO | 12 |
| 1. EDUCAÇÃO FÍSICA | 12 |
| 2. CRIANÇAS DEFICIENTES AUDITIVAS | 17 |
| 2.1. MÉTODOS CONHECIDOS E EMPREGADOS NA EDUCAÇÃO | 20 |
| 2.1.1. MÉTODOS GESTUAIS | 20 |
| 2.1.2. MÉTODOS ORAIS | 21 |
| 2.1.3. MÉTODOS ORAIS-GESTUAIS | 21 |
| 3. INTEGRAÇÃO DO DEFICIENTE AUDITIVO PELA EDUCAÇÃO FÍSICA | 23 |
| 4. CONCLUSÃO | 25 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 27 |

A INTEGRAÇÃO DO DEFICIENTE AUDITIVO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

INTRODUÇÃO

"Mens Sana in Corpore Sano". (1)

Atravessando o tempo, tornou o nome de Juvenal, inesquecível para aqueles que se dedicam ao estudo dos problemas relacionados com a Educação Física.

"Outrora considerava a Educação um preparo para a vida e hoje a tem como a própria vida; antigamente só se admitia a Educação Física para o desenvolvimento da força e nunca, como preparar o indivíduo para a formação integral; isto é, formar o indivíduo física, espiritual e moralmente sadio". (2)

A Educação Física é um processo global, pois o homem não é somente um conjunto de pele, ossos e músculos; é dotado também de elementos psicológicos e espirituais.

→E para o deficiente auditivo a Educação Física é fundamental para o início da estrutura motora; através de movimentos naturais é desenvolvida a sua percepção visual, tátil, espacial, formas básicas de locomoção, bem como o seu relacionamento.

Considera como deficiente auditivo, todo indivíduo que tenha uma perda parcial ou total da audição. Essa falta de audição vai implicar na comunicação verbal. A dificuldade com a linguagem resulta da audição imperfeita, e não, de defeitos do mecanismo da fala.

"A criança excepcional precisa conduzir-se socialmente de maneira a não ficar em desvantagem ou vir ser motivo de incômodo para outras pessoas". (3)

(1) Tradução - "Mente Sã em Corpo Sã"

(2) MARINHO, Irineu Penna. Educação Física, Recreação e Jogos, p. 82.

(3) FLEMING, J.W. A Criança Excepcional, p.21.

Sabe-se que a falta de audição influencia no desenvolvimento das habilidades de comunicação pela linguagem, mas devemos procurar outras fontes, além das habilidades linguísticas. E a Educação Física contribui por meio da prática de atividades físicas, para o desenvolvimento integral do deficiente auditivo. O desenvolvimento integral pode ser entendido como o desenvolvimento das potencialidades no plano físico (agilidade, força, coordenação, etc), intelectual e social.

JUSTIFICATIVA

Este estudo se justifica pela importância de se pesquisar sobre a necessidade de atividades físicas para a formação integral do deficiente auditivo; também se justifica este estudo, visando a análise do desenvolvimento corporal, estimulando a inteligência, a qual contribui para a adaptação ao grupo e preparar a criança deficiente auditiva para viver em sociedade onde esta poderá se igualar às crianças ouvintes, através das atividades desportivas.

Destina-se aos profissionais da área com características de auto-instrução, e também, como meio de atualização.

PROBLEMA

O deficiente auditivo é, antes de mais nada, um ser física e mentalmente normal. E o trabalho com o deficiente auditivo na educação física é igual a de crianças ouvintes; pois realizam as mesmas atividades físicas, e com a mesma perfeição de movimentos.

O professor de Educação Física deve tratar o deficiente auditivo como aluno comum, devendo exigir rendimentos e atuações progressivas.

→ Talvez nenhuma outra disciplina do currículo tenha um caráter tão socializante quando a Educação Física. Os jogos, as danças, esportes, para falar apenas naquelas formas de trabalho de maior conteúdo social, solicitam e até mesmo impõe o exercício de qualidade altamente integradora, tanto do ponto de vista do grupo, quando da sociedade globalmente considerada.

No início do trabalho o deficiente auditivo poderá encontrar mais dificuldade na realização dos movimentos propostos, pois é mais comum encontrar entre deficientes auditivos crianças com problemas de equilíbrio.

O equilíbrio é um dos sentidos básicos que permite o ajuste do homem ao meio. A percepção, em relação à imagem corporal, a destreza e habilidade são os que condicionam o equilíbrio. Se por um lado, os deficientes auditivos encontram maiores dificuldades para desenvolver um bom equilíbrio (mas desenvolvem), por outro eles tem muito interesse pela atividade física, que lhes proporciona um corpo harmoniosamente desenvolvido e belo.

A educação física tem condições de auxiliar no processo de alfabetização do deficiente auditivo desenvolvendo aspectos como:

- noções de lateralidade
- noções de espaço
- noções de tempo
- domínio do próprio corpo, outros tipos de coordenação, sem os quais, é difícil alfabetizar.

Sem dúvida alguma, há uma dificuldade na comunicação oral. Mas essa barreira é vencida através da linguagem filtrada e comunicação do próprio corpo, realizando os exercícios que serão executados pelos educandos (não confundir o uso da expressão corporal com gestos e mímicas).

Observados os problemas de comunicação e do equilíbrio, a educação física deverá transcorrer normalmente, com a mesma importância.

OBJETIVOS

Os objetivos da monografia centralizaram-se em:

- Evidenciar a importância da Educação Física para crianças deficientes auditivas.
- Proporcionar a igualdade entre deficiente auditivo e ouvintes através dos desportos individuais e coletivos.

DESENVOLVIMENTO

1. EDUCAÇÃO FÍSICA

"O êxito do ensino depende da precisão que facilita a elaboração de um plano de ação". (4)

Isto é, a programação de todas as atividades do ciclo docente, deve tornar o ensino seguro, econômico e eficiente.

→ Sendo a Educação Física parte integrante da Educação, a finalidade a atingir será a de formar personalidades independentes, capazes de reações inteligentes, responsáveis e socialmente desejáveis. Como esta finalidade é muito geral e só será alcançada no término do trabalho educativo, é preciso definir os objetivos específicos da Educação Física. São eles, os resultados mais imediatos, os passos necessários, intermediários, para conseguir aquela finalidade.

Esses objetivos ou produtos da aprendizagem é que governam a ação do professor. Sem a consciência dos objetivos a atingir o professor não poderá planejar, orientar e controlar o seu trabalho com pleno êxito.

Os objetivos específicos da Educação são:

1º - formação de hábitos (de vida ao ar livre, de recreio) de destreza e de habilidades específicas (habilidades físicas, como seja, o correr, saltar, arremessar, pular, etc.), e hábitos de higiene;

2º - Ministrando informações e conhecimentos (regras dos jogos e desportos, danças regionais e modernas, etc.);

3º - Criar atitudes, ideais, interesses e preferências (aproveitar as situações reais de

correntes da prática de jogos e desportos por exemplo, para provocar transformações para melhor, na conduta do aluno; despertar o interesse e firmar preferências segundo as aptidões individuais).

"O professor de Educação Física não deve se descuidar da responsabilidade que lhe cabe como educador dentro da estrutura formal do ensino brasileiro". (5)

Dispõe o professor, de um dos mais poderosos instrumentos para formar o caráter de seus alunos, como atividade básica da aula de Educação Física, que é o jogo.

O jogo oferece toda uma gama de oportunidades para a criação e o desenvolvimento de situações educacionais. É através dele que a aluna projeta em verdadeira grandeza sua personalidade, sem as "máscaras" com que a defende nas situações normais.

O jogo é uma verdadeira escola de vida, onde todas as experiências podem ser vividas à imagem e semelhança das que terá oportunidade de reproduzir cotidianamente.

"A turma de aula é tipicamente um grupo social sob a liderança do mestre. O professor simboliza a perfeita noção de autoridade. As regras do jogo, a soberania da lei. Finalmente, a ambição da vitória a força motriz que impulsiona a todos para a conquista do objetivo comum". (6)

Aí estão os fatores intervenientes de qualquer sociiedade: o grupo social, a disputa, a autoridade e a lei.

No jogo todos agem, interagem e reagem. Nele se projetam os desonestos, os covardes, os apáticos, os ambiciosos, os desleais, os delatores, os líderes e os submissos. Em se tratando de grupo em formação, cabe ao professor, com perseverança

(5) SCHMIDT, Maria Junqueira. Educar pela Recreação, p.20.

(6) MEDEIROS, Ethel Bauzer. Jogos para Recreação, p.53

e serenidade, exercer uma eficiente ação educativa.

Não basta utilizar o trabalho físico como instrumento do desenvolvimento corporal; é preciso que este seja alcançado através do aperfeiçoamento dos valores morais formativos do caráter e fundamentais ao relacionamento social.

São eles:

Valores Morais a Cultivar

Oportunidade durante as aulas

- | | |
|-------------------|--|
| - Honestidade | - por ocasião dos jogos, respeitando as regras estabelecidas, sem buscar artifícios para burlá-la. |
| - Lealdade | - por ocasião dos jogos, usando recursos permitidos a todos igualmente. |
| - Perseverança | - através da busca constante do aprimoramento das aptidões. |
| - Cooperação | - ajudando os colegas a conquistar o bem comum, seja ele a vitória no jogo ou simplesmente a melhoria de uma situação. |
| - Amor ao próximo | - através do permanente relacionamento fraterno. |
| - Disciplina | - pela observação constante de preconceitos sejam eles higiênicos ou de comportamento. Não fazer ao semelhante o que não deseja que lhe façam. |
| - Pontualidade | - através de cumprimento rigoroso dos horários. |

- Obediência
 - acatando as decisões dos líderes ou do grupo, sem procurar fazer valer a sua opinião fora do momento oportuno.

- Humildade
 - encarando a vitória como consequência passageira, sem fazer dela um instrumento de opressão ao derrotado.

- Liderança
 - por ocasião dos jogos ou das atividades extra-classe conduzindo os menos aptos naquelas circunstâncias para a conquista do bem comum.

Esses são o patrimônio ético que devem reger o relacionamento social para que o homem se sinta e se realize em toda plenitude.

Agindo dessa forma, estará o professor de Educação Física no seu papel de educador, utilizando os instrumentos da formação corporal para forjar o caráter de seus educandos, dentro dos preceitos que chegam da Grécia até nós, da

"Mens Sana in Corpore Sano".

A atividade física deve permitir a dupla ação sobre o corpo e sobre a mente.

O esporte e a educação física não são um fim, mas um meio de formação e preparação para a vida social.

"O caráter só é moldável na infância". (7)

Cabe portanto aos pais e educadores desenvolver através de atividades físicas o espírito de cooperação e de asso

ciação - finalidade de uma verdadeira educação humanística.

"O aluno aprende pela experiência, mas não aprende a experiência". (8)

É importante a criança viver as experiências onde estão presentes os valores estabelecidos pela sociedade para que os mesmos sejam incorporados ao seu caráter e sirvam de base ao relacionamento social.

Disse Rousseau "Quereis cultivar a inteligência de vosso aluno? cultivai as forças que ela governa. Exercitai continuamente o seu corpo; tornai-o robusto e são, para tornar sábio e sensato; que ele seja homem pelo vigor e em pouco tempo o será pela razão". (9)

É fundamental estabelecer um perfeito equilíbrio entre as atividades físicas e mentais e procurar satisfazer as necessidades dos alunos, visar fins que eles desejam atingir ou dar capacidades que desejam possuir.

A formação do homem se processa na infância. Os hábitos uma vez incorporados à personalidade como valores sejam eles morais, éticos ou físicos, passam a acompanhar o indivíduo pelo resto da vida e a nortear o seu comportamento.

(8) RODRIGUES, Maria. Manual Teórico-Prático de Ginástica Infantil, p.21

(9) MARINHO, Inezil Penna. Educação Física, Recreação e Jogos, p.83

2. CRIANÇAS DEFICIENTES AUDITIVAS

"Pode-se considerar como deficiente auditivo todo indivíduo com limiares acima de 25 decibéis em algumas das frequências avaliadas em testes especializados - Audiogramas - (250, 500, 1.000, 2.000, 4.000, 6.000 e 8.000 Hertz)". (10)

Pode-se levar em conta não a resposta obtida no teste, mas a atuação do indivíduo em situações sociais e educacionais; e então, se considerar como deficiente auditivo aquele que apresente qualquer limitação, devido a falha no escutar.

Tecnicamente, nos Estados Unidos tem sido considerado deficiente auditivo todos aqueles que apresentam média de perda auditiva maior do que 26 decibéis, ao se considerar as frequências: 500, 1.000 e 2.000 Hertz. Neste sentido Ewing e Ewing (1954) (11) "Separaram os deficientes auditivos segundo 3 graus:

- 1º - não exigem aparelhos individuais de amplificação, nem educação especial;
- 2º - adquirem, naturalmente, alguma habilidade para falar, mas necessitam de atendimento especial;
- 3º - não adquirem nenhuma fala por meios naturais, até entrarem na escola especial".

Davis (1965) elaborou a seguinte classificação dos deficientes auditivos, "segundo o grau da falha sensorial:

- surdez leve: entre 25 e 40 db. Apresentam dificuldades, apenas frente a fala de fraca intensidade;
- surdez moderada: entre 40 e 55 db. Apresentam, frequentemente dificuldade frente a fala de intensidade normal;
- surdez acentuada: entre 55 e 70 db. Apresentam frequentemente dificuldades frente a fala de forte intensidade;
- surdez severa: entre 70 e 90 db. Podem compreender apenas, fa

(10) AVERY, Charlotte B. Educação de Excepcionais, p.71

(11) AVERY, Charlotte B. Educação de Excepcionais, p.72

la gritada ou amplificada eletronicamente;

- surdez profunda ou extrema: acima de 90 db. Usualmente não consegue compreender, mesmo na fala amplificada.

Segundo BIAF (Bureau Internacional d'Audiofonologie) "a classificação do deficiente auditivo:

- surdez leve - perda até 40 db. A criança fala mas pode haver troca de fonemas.
- surdez média - de 40 a 70 db. É necessário foz de alta intensidade. Atraso de linguagem.
- surdez severa - de 70 a 90 db. Pode impedir que a criança não fale até 4 ou 5 anos. Entende melhor as vozes graves (voz de homem).
- surdez profunda - acima de 90 db. Não percebem nem os sons amplificados eletronicamente. As próteses trazem muito pouco proveito.

Os termos deficiência auditiva leve, moderada, acentuada, severa e profunda podem auxiliar na caracterização, não havendo necessidade de se incluir outros rótulos classificatórios.

A deficiência auditiva pode estar associada a alterações localizadas no sistema transmissor das ondas sonoras, ou seja, no conjunto tímpano-os-secular. Neste caso há grandes possibilidades de superação parcial ou total do problema, através de terapêuticas medicamentosas ou cirurgia.

Pode estar associada a alterações localizadas na cóclea ou no nervo auditivo. Por este caso, de deficiências sensoriais ou neurais, somente o atendimento através de processos educacionais e de treinamento.

Existem também casos de audição diminuída, ocorrendo por alterações no sistema nervoso central, aparecendo juntamente outras alterações: motoras, perceptivas, de memória, de atenção. Neste caso o medicamento pode auxiliar, mas há necessidade de programas de reabilitação e de educação especial.

Os aspectos mais relevantes do deficiente auditivo refere-se à comunicação verbal, especialmente educativos e sociais. O nível de comunicação em que se encontra o deficiente auditivo é o resultado de uma série de fatores, tais como idade do aparecimento da audição, qualidade e grau de estimulação recebida, grau de perda auditiva, utilização de aparelho auxiliar para a audição.

Em relação ao aspecto perceptivo-motor, o desenvolvimento do deficiente auditivo é compatível com o do ouvinte, ocorrendo alguns prejuízos na área motora quanto a rapidez e ao equilíbrio.

Os trabalhos mais recentes tem mostrado que o deficiente auditivo não passa a ter maior acuidade, mas usa este canal de forma a suprir o déficit auditivo, embora se saiba, que cada órgão possui tarefas específicas insubstituíveis, por outro.

De acordo com a maioria de autores estudiosos, o desenvolvimento intelectual é compatível com o do indivíduo ouvinte, ocorrendo prejuízos relativos em certos processos psicolôgicos. Assim sendo, pesquisas evidenciam que os processos intelectuais mais afetados são os que envolvem comportamentos verbais.

Um dos fatores que influi no desenvolvimento emocional do deficiente auditivo é a oportunidade de sua participação em grupos sociais.

"Os resultados de pesquisa tem mostrado que a personalidade do deficiente auditivo apresenta como características básicas: a rigidez, o concretismo na análise da realidade e a imaturidade social e emocional. Quanto mais adequadas forem suas oportunidades de vida, maiores serão as chances de minimização dessas características".(Myklebrest, 1964) (12)

(12) FLEMING, Juanita W. A Criança Excepcional, p. 126

Verifica-se assim, que em todos os processos mentais o aspecto mais significativo é o do desenvolvimento da comunicação, decorrente da falta de modelos auditivos que a deficiência acarreta.

2.1. MÉTODOS CONHECIDOS E EMPREGADOS NA EDUCAÇÃO DOS DEFICIENTES AUDITIVOS

Durante o decorrer dos séculos, tem-se proposto uma infinidade de métodos para a reabilitação dos deficientes auditivos. A maioria deles fundamenta-se em substituir a audição perdida por um outro canal sensorial, como a visão, o tato, ou aproveitando os restos de audição existentes.

2.1.1. MÉTODO GESTUAIS

a) Linguagem Gestual ou Mímica

É o instrumento mediante o qual os surdos-mudos suprem espontaneamente a privação do ouvido e da palavra, a fim de poderem comunicar entre si e com os outros.

Todos os deficientes auditivos possuem esse tipo de linguagem sem que lhes tenha sido ensinada. A linguagem mímica é natural. A semelhança mímica é tão grande que existem deficientes auditivos de diferentes nacionalidades que se entendem melhor que os ouvintes estrangeiros. Seu principal e maior defeito é que só expressa o concreto, prescindindo do abstrato.

b) Alfabeto Manual, Dactilológico

A dactilologia é a substituição das letras escritas, por sinais feitos com os dedos das mãos. É uma espécie de escrita no ar. O nome dactilologia foi inventado por Saboureux de Fontenay, um surdo-mudo

Dactilologia não é espontâneo, nem natural como a mímica. Deve ser aprendido. Esta linguagem não possui pausas, pois os movimentos dos dedos são contínuos.

2.1.2. MÉTODOS ORAIS

A educação oral requer um esforço total por parte da criança, da família e da escola.

A educação oral deve ser feita diariamente e logo que se descobre a deficiência. Requer professores especializados que farão atendimentos com poucos alunos, pois são necessários equipamentos especializados.

a) Método Sanders

Partindo do aspecto que a comunicação oral utilizará a via auditiva, é de interesse a utilização máxima dos resíduos auditivos, através do treinamento auditivo, com uma amplificação sonora.

b) Método Guberina

Seguindo suas concepções, Guberina construiu os aparelhos SUVAG, para a reeducação do deficiente auditivo. Segundo seu método, deve-se primeiro praticar a audiometria verbal e descobrir os campos auditivos ótimos (indicam os campos de frequências que devem ser amplificados).

c) Método Tadoma

Os procedimentos táteis se apoiam na utilização do sentido do tato da criança para poderem compreender as vibrações sonoras. Com ela pode-se ensinar os surdos-cegos. Utiliza-se o vibrador ósseo de audiômetro, seguro fortemente com a mão.

2.1.3. MÉTODOS ORAIS-GESTUAIS

O termo "Comunicação Total" é relativamente novo. Na abordagem da Comunicação total, a criança é exposta a leitura oral, à ampliação sonora, à linguagem de sinais e ao alfabeto digital. A criança se expressa através da fala, de sinais e de alfabeto digital.

O ensino da fala é um desafio tanto aos pais como aos mestres. Não existe um sistema perfeito para se ensinar a falar; "quando uma criança surda aprende a falar, o nosso trabalho se justifica por si mesmo." (13)

(13) Lema da John Tracy Clinic, Los Angeles.

3. A INTEGRAÇÃO DO DEFICIENTE AUDITIVO PELA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física tem uma participação na socialização do deficiente auditivo, visando aumentar e desenvolver a capacidade das crianças de se darem bem, entre si. Como vivemos numa época onde os conflitos sociais são generalizados, não se pode negar que a Educação Física tem objetivos sociais muito importantes, podendo contribuir para reduzir esses conflitos e ajudando o homem a compreender melhor e a se dar bem com seus semelhantes.

A própria competição - processo social básico da sociedade moderna - é exercitada na prática esportiva, num verdadeiro aprendizado para a vida social, tendo o deficiente auditivo amplas oportunidades de aprender a obedecer as regras do jogo e a respeitar os direitos do adversário, tal como deve suceder na realidade.

A criança surda não deve ter privilégios ou ser super-protegida. Deverá ser tratada como as demais. Pois a vida social da maioria das pessoas surdas, é essencialmente, a mesma que a dos indivíduos da audição normal.

O professor de Educação Física dispõe de um precioso instrumento de motivação, capaz de estimular um relacionamento positivo entre crianças ouvintes e deficientes auditivos. Processos sociais como a cooperação, a competição e o ajustamento são da própria essência do desporto.

A própria competição - processo social básico da sociedade moderna - é exercitada na prática esportiva, num verdadeiro aprendizado para a vida social.

O professor deve, sempre que necessário, ressaltar os valores éticos que estão em jogo na atividade esportiva; quando o mais importante não é vencer, mas competir com entusiasmo respeitando o adversário. Deve ser o slogan Ao Melhor a Vitória.

É ainda, nas aulas de Educação Física realizadas

sob as mais diferentes formas, que muitas crianças tímidas e introvertidas vão encontrar oportunidade de se integrar ao grupo. Basta observar a alegria e a espontaneidade com que as crianças participam de qualquer jogo ou brincadeira coletiva, para compreender que tais atividades envolvem oportunidades originais de interrelacionamento social.

Assim como os mais tímidos esquecem no jogo suas inibições, os tipos opostos - desinibidos, egoístas e exibicionistas - também são levados a se enquadrarem às regras do jogo, a fim de serem bem aceitos pelo grupo.

Tem-se visto comparar as crianças deficientes auditivas com crianças ouvintes em determinadas áreas de desenvolvimento intelectual/mental, ajustamento de personalidade e progressos educacionais, e é particularmente espinhoso, porque os instrumentos de mensuração, em sua maioria, são verbais e dependem da capacidade do indivíduo para a linguagem receptiva e expressiva justamente na área em que as crianças surdas se acham gravemente incapacitadas.

Na atividade esportiva é onde a criança portadora de deficiência auditiva se iguala à criança dotada de audição normal. É onde haverá envolvimento humano, através do movimento corporal (coordenação, habilidade, agilidade, etc.) que se adquire através de treinamento, e faz com que adquira confiança no convívio com crianças ouvintes.

Nos diversos setores de deficiência, notou-se que houve um crescimento, no relacionamento do deficiente auditivo com pessoas normais; e uma aceitação maior de convívio da sociedade para com eles.

Este relacionamento teve grande contribuição através das atividades esportivas dentro da própria escola, e após, com a criação dos Jogos da Integração (jogos disputados entre crianças ouvintes e crianças deficientes auditivas), idealizado pela Luizita Albuquerque, os quais anualmente são disputados. O I Jogos da Integração teve a participação de 3 escolas de deficientes auditivos e 2 escolas comuns, onde a CRAF "Alcindo Fanaya

Jr." sagrou-se Campeão Geral. O II Jogos da Integração teve a participação de 7 escolas. Foi realizado nas instalações da Universidade Católica do Paraná e com mais expectadores e incentivadores. Esse trabalho integrado cresce ano à ano e naturalmente a nossa sociedade vai "aceitando" o deficiente auditivo, como uma criança comum e respeitando as suas limitações.

Os surdos obtem escores inferiores aos das pessoas de audição normal nos testes de inteligência, mas isso pode ser explicado em outros termos, que não as diferenças na capacidade intrínseca. O atraso educacional de 2^a ou 3^a séries, comumente observado entre as pessoas surdas, indica a medida que a sociedade falhou em desenvolver métodos alternativos para a educação de tais pessoas. As deficiências conceituais das crianças com prejuízo auditivo parecem estar, principalmente, nas áreas verbais.

Talvez nenhuma outra disciplina do currículo escolar tenha um caráter tão socializante quanto a Educação Física. Os jogos, as danças, os esportes, para falar apenas naquelas formas de trabalho de maior conteúdo social, solicitam, até mesmo impõe, o exercício de qualidade altamente integradora, tanto do ponto de vista da grupo, quanto da sociedade globalmente considerada.

Através da educação física o aluno deverá aprender, aprimorar ou integrar novas experiências em seu acervo motor. A Educação Física cria condições para que o educando se desenvolva dentro de um ambiente rico e adequado em estímulos, propiciando, assim, o desenvolvimento de um ser com maiores possibilidades de sucessos.

4. CONCLUSÃO

O presente trabalho abriu novos campos de estudo e enfatiza a importância da integração do deficiente auditivo na sociedade, contornando os fatores adversos, e evitando o estabelecimentos de mecanismos neuróticos desencadeados pelo próprio desajuste de deficiente com relação ao meio ambiente.

A falta de estudo sobre o deficiente auditivo na área de Educação Física, fez com que, admitindo a responsabilidade do professor, a de ajudar no surgimento de novas idéias, relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, o trabalho por sua estrutura toda própria, com características de auto-instrução e complementando com poucas referências bibliográficas constituiu-se em meio eficaz de atualização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AVERY, Charlotte B. Educação de Excepcionais. Porto Alegre, Globo (2): 71-2
2. FLEMING, Juanita W. A Criança Excepcional. Rio de Janeiro - F. Alves : 21, 216, 1978
3. MARINHO, Inezil Penna. Ed. Física Recreação e Jogos. São Paulo, Brasil, :82-3, 1981
4. MEDEIROS, Ethel Bauzer. Jogo para Educação. São Paulo. Papéis livros, :53, 1971.
5. MINISTÉRIO DE ED. E CULTURA. Proposta Curricular para Deficientes Auditivos. :110-7, 1981.
6. OLIVEIRA, Victor Marinho. Educação Física Humanista. São Paulo, Artes Médicas, :57, 1980.
7. RODRIGUES, Maria. Manual Teórico-Prático de Ginástica Infantil. São Paulo, Brasiliense, :21, 1978
8. SCHMIDT, M. Junqueira. Educar pela Educação. São Paulo, Saraiva, :20, 1981.
9. TELFORD, Charles W et Sawrey, James M. Indivíduo Excepcional. São Paulo, Zahar, (1): 550-4, 1976
10. TOSCANO, Moema. Teoria da Educação Física Brasileira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, :9-24, 1974.